

Perceções culturais no Caminho Português da Costa: Experiências de turíperegrinação

Cultural perceptions on the Portuguese Coastal Way: Tourism pilgrimage experiences

Gonçalo Maia Marques

Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal
gmaiamarques@ese.ipvc.pt
<https://orcid.org/0000-0002-5052-0624>

Manuel Tojal de Meneses

Universidade da Maia e Instituto Politécnico da Maia, Portugal
N2i - Núcleo de Investigação do IPMAIA
mdtojal29@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2583-1065>

José Maia Marques

Câmara Municipal da Maia, Portugal
jmaiamarques@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0004-5377-2036>

Vítor Sá

Instituto Politécnico de Gestão de Tecnologia (ISLA Gaia)
vitor.sa@islagaia.pt
<https://orcid.org/0000-0002-9088-1096>

Resumo

Dada a crescente popularidade e o progressivo interesse despertado pelo Caminho Português da Costa até Santiago nas últimas décadas e, sobretudo, nos anos mais recentes, este artigo pretende compreender a experiência cultural que se desenvolve neste caminho específico, elegendo como trabalho de campo o noroeste de Portugal. O artigo procede a um cruzamento de fontes diversas rumo ao entendimento deste emergente itinerário cultural. Assumindo uma postura marcadamente qualitativa, recorre metodologicamente à análise de conteúdo de entrevistas e inquéritos a *turíperegrinos* nos albergues de Labruge e de Rates e à recolha de informação sobre o fenómeno da *turíperegrinação* no albergue de Marinhas através da imprensa regional e do município de Esposende. A estes dados acrescentamos os testemunhos recolhidos no sítio oficial do caminho costeiro entre 2017 e 2022. Face à relativa escassez de resultados que nos ajudem a esse entendimento nos trabalhos já publicados sobre o Caminho Português da Costa, julgamos que o nosso estudo se torna pertinente, abrindo pistas para novas pesquisas nesta área. O objetivo final será entender até que ponto este produto turístico se poderá constituir como uma oportunidade para novas experiências que se movem entre a fruição de um itinerário turístico-cultural e o sentimento de religiosidade de uma peregrinação.

Palavras-chave: Caminho Português da Costa; Noroeste de Portugal; Turíperegrinos; Turismo Experiencial.



Abstract

Due to the growing popularity and progressive interest aroused by the Portuguese Coastal Way to Santiago in recent decades and, above all, in recent years, this article aims to understand the cultural and aesthetic experience that develops on this specific path, choosing the northwest as fieldwork from Portugal. The article crosses different sources to understand the historical and heritage literacy of this important – and emerging – cultural itinerary. Assuming a markedly qualitative stance, it conducts content analysis of interviews and surveys of pilgrimage tourists in Labruge and Rates hostels and gathers information about the tourism pilgrimage phenomenon in the Marinhas hostel through the regional press and the municipality of Esposende. To this data, we add the testimonies collected on the official site of the coastal path between 2017 and 2022. Given the relative scarcity of results that help us understand this in the works already published on the Portuguese Coastal Way, we believe that our study is relevant, opening up avenues for new research in this area. The final objective will be to understand to what extent this tourist product can constitute an opportunity for new experiences that move between the enjoyment of a tourist-cultural itinerary and the religious feeling of a pilgrimage.

Keywords: Portuguese Coastal Way; Northwest of Portugal; Pilgrimage Tourists; Experiential Tourism

1. Introdução

Pelas rotas de peregrinação mais antigas da Europa caminham, todos os anos, mais de 300 mil peregrinos. Cruzam bosques e florestas, passam por trilhos de terra batida e antigas estradas romanas que já viram mais de mil anos de caminhadas rumo à Galiza e, mais especificamente, rumo a Santiago de Compostela. No que concretamente diz respeito ao território português, os Caminhos Central, da Costa, Português do Interior e de Torres (que parte de Salamanca) são, no dizer de Fernandes (2018: 5), “itinerários dialogantes entre si, na medida em que se cruzam de alguma maneira”. Trata-se, efetivamente, de caminhos que têm fortes vínculos históricos com o culto a Santiago em Portugal, uma vez que percorrem estradas que serviram as peregrinações medievais a Compostela ou que passam por locais emblemáticos onde o apóstolo Tiago continua a ser venerado (Venceslau, 2014; Polido, 2021).

Muitos destes lugares revestem-se de grande beleza e possuem ativos patrimoniais de grande relevância que importa analisar através da lente da literacia histórica e patrimonial (Barca, 2006; Pinto, 2012), assim como da imprensa local/regional e da percepção dos peregrinos através do seu discurso direto (seja em entrevistas pessoais ou narrativas cibernéticas), como veremos.

Historicamente, as populações costeiras e os peregrinos que desembarcavam nos portos marítimos foram os principais responsáveis por promover, a partir do século XV, aquele que viria a ser denominado “Caminho da Costa” como uma rota alternativa ao Caminho Central no mapa jacobeu (Silva, 2017). Embora este caminho costeiro apresente vários itinerários, atualmente, é possível iniciar-se o percurso no Porto e chegar a Caminha sempre pela beira-mar, aproveitando os passadiços sobre dunas e paredões em frente ao oceano Atlântico, de tal forma que, como apropriadamente refere Marques (2023: 46) “o Caminho Português da Costa é um contínuo chamamento do mar”. Decidimos, por isso, iniciar esta investigação com uma pesquisa exploratória que incidiu no contacto direto –

através da entrevista em profundidade – com turiperegrinos¹ da via costeira (registados como tal e presentes nos albergues oficiais), realizado pelos autores em colaboração com as autoridades locais, interessadas no crescente fenómeno do caminho costeiro de Santiago que, partindo da Cidade Invicta até à fronteira de Valença, envolve os concelhos do Porto, Matosinhos, Maia, Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Esposende, Viana do Castelo, Caminha, Vila Nova de Cerveira e Valença (Pazos-Justo *et al.*, 2022).

Cientes de que o universo de entrevistados era reduzido – apesar dos investigadores terem apostado em compreender, intimamente, cada entrevistado e o seu percurso biográfico associado ao caminho – e por forma a robustecer a pesquisa e o âmbito de recursos de investigação utilizados, procuramos alargar a amostra recolhendo informação por outras vias, nomeadamente nas fontes oficiais, na imprensa local/regional e nas páginas institucionais ligadas ao Caminho Costeiro.

A popularidade do Caminho Português da Costa (CPC) vem aumentando ano após ano. Dados colhidos junto da Oficina do Peregrino (como referido em Rodrigues, 2022: 41) revelam que o crescimento entre 2014-2019 foi contínuo, até que no ano de 2020, com a Pandemia de COVID-19, se alterou o cenário, apesar dos dados conhecidos para 2021-2022 mostrarem uma recuperação para a trajetória anterior, de tal forma que em 2021 o número de peregrinos era já superior ao de 2017 (ver Quadro 1).

Quadro 1. Número de peregrinos no CPC

Ano	Nº de Peregrinos
2014	779
2015	1474
2016	2600
2017	7329
2018	13841
2019	22292
2020	2736
2021	7813

Fonte: Oficina do Peregrino (como referido em Rodrigues, 2022).

Sendo certo que Santiago de Compostela se perfila como um dos lugares mais sagrados do mundo por causa da suposta ligação histórica do sítio com o corpo de Santiago Apóstolo (Almeida & Almeida, 2011; Lois-González & Santos, 2015), é indiscutível a sua *inventio* enquanto lugar de geografia política e religiosa do Reino das Astúrias, mais tarde de Leão-Galiza (Marques, 2003), bem como a sua *reinventio* enquanto produto turístico e cultural, no caso galego a partir do Xacobeo 93 e no caso português a partir da publicação do

¹ Assumimos aqui um neologismo formado por amálgama e já utilizado por Pereiro (2017: 416) quando o mesmo afirma que o turismo, na sua relação com a peregrinação, “reconfigura o sagrado e cria uma categoria diferente de experiência, a da *turiperegrinação*” (sublinhado nosso).

decreto-Lei nº 51/2019, de 17 de abril, regulando a valorização e promoção do Caminho de Santiago através da certificação dos seus itinerários (Pazos-Justo et al., 2023:156).

Hoje, peregrinos e turistas cruzam as suas motivações e interesses no Caminho, reforçando a conexão de Santiago de Compostela quer ao turismo moderno e ao lazer (Fernandes, 2012) quer à própria identidade cultural europeia e ocidental. Concordando com Fernandes, podemos afirmar que “os sítios de peregrinação fornecem uma importante base para o produto turístico básico não apenas nos destinos de peregrinação, mas também ao longo das rotas, que muitas vezes atraem aqueles que não viajam diretamente para fins religiosos” (Fernandes, 2012, trad. nossa).

A Espanha terá despertado para a importância e interesse deste itinerário na década de 1980 (Pazos-Justo et al., 2023), acompanhando o próprio reconhecimento do Caminho de Santiago como *primeiro itinerário cultural europeu*, conforme declarado pelo Conselho Europeu em 1987. Este é considerado o primeiro passo para um crescimento contínuo ao longo dos anos, nomeadamente em 1993 quando o itinerário (em Espanha), na sequência do megaevento Xacobeo 93, é finalmente classificado pela UNESCO como Património Mundial.

Tal como Bloom, Nilson e Solla sustentam, “é cada vez mais óbvio que o mundo se está a tornar mais polarizado, varrido por um vento religioso ortodoxo, ao mesmo tempo que a visão cada vez mais secular da vida está a ganhar terreno, reduzindo a religiosidade na vida quotidiana a uma posição mais subordinada” (Bloom et al., 2008, trad. nossa).

Embora a via costeira litoral seja utilizada por peregrinos desde a Idade Média, é no final do século XVIII que parece relançar-se, paulatinamente, como itinerário alternativo ao caminho central (Capelo et al., 2017). Graças ao interesse crescente dos turiperegrinos e ao trabalho das autarquias e das associações, o CPC acabaria por se institucionalizar, em 2010, como um itinerário de turiperegrinação para Santiago de Compostela (Pazos-Justo et al., 2022; Pazos-Justo et al., 2023), alcançando a certificação em 2021.

Se por um lado, como veremos adiante, esta opção reflete a procura da beleza do litoral e do contacto com todo o património cultural, gastronómico e social da região, por outro, ela reflete também uma evolução do perfil do peregrino, constituindo “o primeiro grande exemplo de recuperação contemporânea da maciça peregrinação no Ocidente” (Lois-González & Santos, 2015: 161, trad. nossa).

O principal objetivo desta investigação consiste em perscrutar as motivações e perceções dos caminheiros, tentando compreender a experiência cultural e estética que se desenvolve neste caminho específico. Nesta perspetiva, colocam-se as seguintes questões de investigação:

- (i) Que traços podemos destacar no perfil dos(as) turiperegrinos(as) do CPC no que toca à sua proveniência geográfica e ao seu estrato sociocultural ?
- (ii) Que motivações impelem o(a) turiperegrino(a) a fazer a opção pelo caminho costeiro na atual fase de progressiva secularização de todos os caminhos jacobeus?
- (iii) Como valorizar este nicho turístico enquanto experiência de fruição cultural?

Para responder a estas questões, o estudo fará uma análise de conteúdo de 14 entrevistas, de 10 inquéritos, de 48 testemunhos no sítio oficial do CPC e de 3 notícias publicadas, procurando extrair as ilações possíveis.

2. Enquadramento teórico

É vasta a literatura sobre a problemática relacionada com as peregrinações e os Caminhos de Santiago. Entre outros, o objetivo dos estudos encontrados centra-se ora na tentativa de discernir as diferentes motivações dos peregrinos (Thomas, Nilsson & Solla, 2008; Lois-González, Ruben & Santos, 2015; Raj, Griffin & Blackwell, 2015; Kim, Kim & King, 2016), ora na tentativa de descoberta da criação de novas formas de consumo ao longo dos Caminhos (Fernandes, 2012; Fernandes *et al.*, 2012), ora ainda na elaboração da hipótese da globalização do turismo de peregrinação na Europa (Griffin & Raj, 2015). No âmbito do turismo religioso e experiencial, merecem ser referidos os estudos de Nadais (2010), Alves (2012) e Duarte (2016). Na área do marketing, destacam-se os trabalhos de Antunes (2016) e Sousa *et al.* (2017). Benítez-Baleato e Sotelo Docío (2022) publicaram recentemente um artigo analisando as redes sociais como apoio na formulação e avaliação de políticas públicas de turismo aplicadas ao Caminho de Santiago. Especial menção merece ainda a pesquisa desenvolvida por Pereiro (2017; 2019), em grande parte centrada no Caminho Português do Interior e que nos serve de base para a explicitação do conceito de *turiperegrinação*. Entretanto, para além de algumas já mencionadas, outras dissertações de Mestrado têm vindo a ser publicadas, como são os casos dos trabalhos de Lima (2011), Venceslau (2014), Lester (2015), Silva (2017), Monteiro (2018) e Polido (2021). Sublinhe-se que, nos portais SCOPUS e Web of Science, se vão reafirmando algumas das mencionadas linhas de investigação (Pack, 2010; Margry, 2015; Pérez, 2020; Székely, 2022).

No que especificamente diz respeito ao CPC, merecem destaque no âmbito da antropologia e etnografia os artigos de Mendes (2009) e Gonçalves (2012); no âmbito da historiografia, Moreno (1986; 1997), Marques (2006), Campelo *et al.* (2017) e o ensaio de Almeida e Almeida (2011), no qual se procura explicar com profusa documentação histórica o nascimento deste Caminho e a sua importância a partir de finais da Idade Média; no âmbito do turismo cultural e religioso, Duarte (2016). Mas é sobretudo com a apresentação em 2017 do projeto intermunicipal intitulado “Valorização dos Caminhos de Santiago – Caminho Português da Costa”, que o tema começa a despertar uma mais significativa atenção por parte dos investigadores.

A literatura identificada demonstra, todavia, algumas limitações, centrando-se nas questões de identificação e sinalização da própria rota ou nos eventuais impactos da promoção do Caminho na área económica. O artigo de Lopes (2020), cujas conclusões apontam para interesses essencialmente turísticos em torno do caminho litoral português, abre uma nova fase no âmbito da análise e identificação das práticas patrimoniais e dos parceiros institucionais. Nesta linha, surgirão os artigos de Pazos-Justo *et al.* (2022; 2023), de especial interesse pela forma como neles os autores procuram sistematizar os impactos positivos e negativos do CPC, identificados quer pelos Municípios atravessados por este caminho jacobeu, quer pelas principais associações com algum tipo de vínculo a este percurso. Partindo do pressuposto devidamente justificado de que o CPC constitui o

processo em curso de maior notoriedade pública no que aos Caminhos de Santiago em Portugal diz respeito, os referidos autores entendem como necessário: (i) fixar e analisar o quadro legal português com impactos nos Caminhos de Santiago; (ii) conhecer as linhas de força das políticas públicas autárquicas; (iii) identificar as finalidades, ideias e ações das entidades associativas.

Os grandes caminhos para Santiago, do ponto de vista do Noroeste de Portugal, foram as tradicionais estradas romanas de *Olisipo* (Lisboa) até *Bracara Augusta* (Braga) e depois para *Aquae Flaviae* (Chaves), uma vez que havia a percepção geral de que a estrada costeira (do Porto a Valença) era demasiado perigosa para peregrinos e viajantes, constantemente assaltados ou violados enquanto realizavam essa grande experiência religiosa, profundamente implicada na espiritualidade cristã (Nadais, 2010; Almeida & Almeida, 2011). Pode, aliás, sustentar-se com segurança que os séculos medievais constituíram um período de múltiplos perigos para os peregrinos dos vários caminhos portugueses, não apenas porque os mesmos eram de má qualidade, mas também porque assaltantes e até animais selvagens (lobos, ursos) causavam amiúde ferimentos graves e até a morte aos que se aventuravam por tais itinerários.

Baquero Moreno refere-se, no entanto, à existência, já no século XV, do “caminho litoral”, assinalando no mapa por si elaborado a rota que passava por Matosinhos, Mindelo, Azurara, Póvoa de Varzim Esposende, Viana do Castelo, Caminha, Vila Nova de Cerveira e Valença (Moreno, 1986: 89) e que era utilizada pelos peregrinos como via alternativa ao “caminho interior”, por entre Douro e Minho. Este itinerário mais ocidental começou a ser muito usado graças ao crescimento das pequenas urbes ribeirinhas ao mar – Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Esposende, Viana do Castelo e Caminha – o que arrastou para a orla costeira “populações até aí distribuídas por outros espaços. Por isso não espanta que, logo no início do séc. XVI, o rei D. Manuel I tivesse transitado por esta estrada litoral quando, em 1502, regressava da peregrinação a Santiago de Compostela” (Almeida & Almeida, 2011: 25). Existem testemunhos escritos que comprovam que esse caminho litoral, após os tempos medievais, era já utilizado nalguns dos seus troços também por peregrinos estrangeiros. Um dos primeiros testemunhos diz respeito ao médico e viajante alemão Hieronymus Münzer que, em 1495, terá seguido uma rota aproximada daquela que foi seguida pelo padre italiano Confalonieri, cuja narrativa de viagem foi encontrada por Guerra Campos num manuscrito existente na Biblioteca Vaticana (Confalonieri & Meléndez, 1988: 7). Nele se relata, em forma de diário de viagem, a peregrinação a cavalo que Confalonieri fez de Lisboa a Compostela em 1594, acompanhando Fábio Biondo de Montalvo, Patriarca de Jerusalém. Saindo de Lisboa e passando por Alverca, Santarém, Tomar, Coimbra, Mealhada, Albergaria, Grijó e Porto, a comitiva prosseguiu pela ponte de Moreira (por onde passará, no século seguinte, Cosme de Médicis) e infletiu para ocidente, passando por Modivas, Mindelo e chegando a Azurara em frente a Vila do Conde. Desse percurso poderíamos destacar o pitoresco relato da sua passagem por Mindelo, Azurara e Vila do Conde, através da versão portuguesa feita a partir do castelhano pelo historiador Vítor Manuel Adrião e no qual já é perfeitamente detetável a ênfase colocada na beleza dos patrimónios natural e cultural:

Comemos em Moreira. Depois de comer, [rumámos] à freguesia de São João de Moandelo², de muitas cabanas, e não casas, agrupadas. Logo, Azurara, aldeia do território do Porto, **muito bela e agradável**, com uma **igreja grande formosa**, boas casas; está muito povoada, serão mais de 500 fogos. A sua situação é **belíssima**, posto que está numa colina junto ao mar e abaixo um rio; e da outra parte, no alto de uma colina uma vila muito melhor; estes dois lugares formam **uma das mais formosas vistas** que há em Portugal. O rio se chama Ave. [...] A vila chama-se Vila do Conde. Tem Juiz e é das mais principais de Portugal, com 1000 fogos. Ali está o mosteiro das monjas mais nobre, antigo e rico de todo o Reino. [...] Há também na vila uma igreja que passa por ser, quiçá, **a mais formosa do Reino, em grandeza, beleza e proporção**. Construiu-a o Rei D. Manuel sob a advocação de São João Baptista, quando, indo para Santiago da Galiza, se enamorou deste lugar por sua situação nas margens do mar oceano, onde tocam as naus que vêm da Índia para tomar provisões; e por ser lugar dotado de nobreza, urbanidade, boas casas e ruas, abundância de jardins, sítios frescos e de água [...]. (Confalonieri, como referido em Adrião, 2011: 255. Sublinhados nossos).

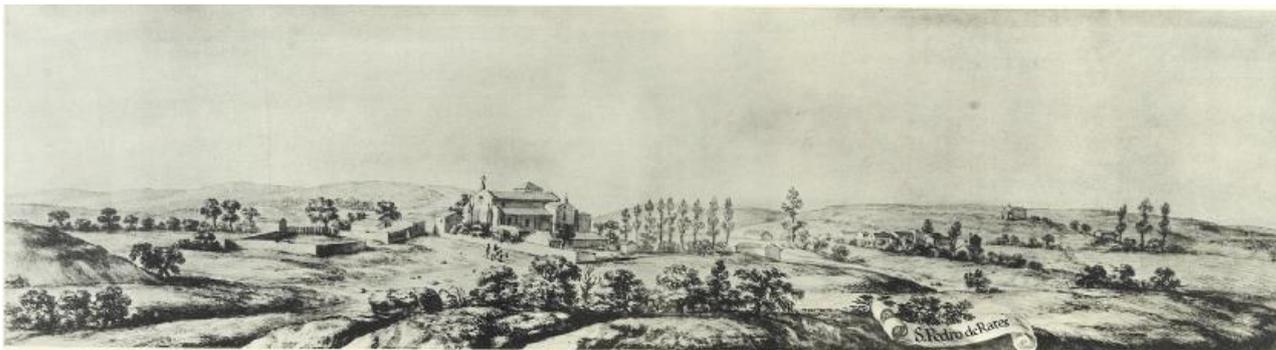
Os preciosos documentos de Confalonieri, redescobertos no século XX, acabam por confirmar que o grande movimento das descobertas portuguesas terá seguramente contribuído para olhar o caminho litoral com outros olhos: não tanto já como um lugar de insegurança, mas sobretudo como um caminho alternativo e apelativo (Campelo *et al.*, 2017).

No século seguinte, Pier Maria Baldi, pintor que acompanhou Cosme de Médicis, Grão-Duque da Toscana, na sua peregrinação por Espanha e Portugal (Viaje, 1668-69), deixou-nos duas belíssimas gravuras representando as povoações de Moreira da Maia, onde se percebe que é representada a antiga hospedaria que se situava à face da estrada real, e de Rates, com a sua imponente igreja românica, que se destaca e domina toda a paisagem envolvente, essencialmente rural (ver Figuras 1 e 2). São notas valorativas de um percurso artístico no Caminho, pinceladas pela essência dos lugares que séculos mais tarde continuarão a arrastar viajantes numa vivência estética que vai muito para além de motivações exclusivamente religiosas.

Figuras 1 (Moreira da Maia) e 2 (São Pedro de Rates) tal como retratadas pelo pintor Pier Maria Baldi na peregrinação de Cosme de Médicis em 1668-69.



² Hoje São João Evangelista de Mindelo (Concelho de Vila do Conde).



Fonte: Biblioteca Nacional

Ainda a propósito destas gravuras, importa enquadrá-las numa dimensão histórica de turismo experiencial que vem sendo desenvolvida nalguns estudos e que decorre da valorização cultural da experiência turíperegrina. Este é um campo de estudo recente que procura autonomizar-se relativamente aos tradicionais limites do turismo cultural, contribuindo para a construção de uma literacia histórica e patrimonial que integre as linguagens da arquitetura, antropologia social, economia cultural, estética e geografia da arte (Rakic & Lester, 2016; Franklin, 2018; Valek & Mura, 2023). Importa, por conseguinte, ter em conta um conjunto de recursos e fontes diversas que não exclusivamente textuais para a total compreensão do fenómeno em estudo. Nesse sentido, entendemos que era oportuno cruzar diversas fontes históricas e documentais, seguindo autores que nos sensibilizam para a importância da literacia patrimonial como fonte estética e de aprendizagem (Pinto, 2012; Marques, 2020), razão pela qual decidimos inserir duas gravuras nesta contextualização teórica. Esta perspetiva enquadra-se na linha de investigação de Barusch (2021), que explora a hipótese de entendermos a peregrinação como uma experiência da qual decorre um conjunto de recordações que se podem projetar na criação de obras de arte, ligando a paisagem da peregrinação à paisagem de proveniência do peregrino. Nesta mesma linha se posiciona Lester que enfatiza as relações, tantas vezes cruzadas e difíceis de “separar”, entre turista, peregrino e “buscador espiritual” (Lester, 2015). Acima de tudo, e como concluem as investigações de Farias *et al.* (2019) e Amaro *et al.* (2018), os caminheiros buscam experiências, ainda que estas possam assumir diferentes configurações, desfrutando de um “turismo experiencial, de emoções, num contexto singular, que busca a espiritualidade e a descoberta do próprio” (Lois-González & Santos, 2015: 161).

Retomando os antecedentes históricos do(s) caminho(s) sabemos que, ao longo dos tempos, sofreram várias oscilações no que toca à intensidade da presença de peregrinos. Nos séculos XIV-XV, a retração nas peregrinações foi causada pela crise económica, pela fome e pela doença (Rucquoi, 2019). Se a religiosidade barroca, embebida do espírito da Contrarreforma, favoreceu a reativação do Caminho de Santiago no século XVII (Viaje, 1668-69), não é menos verdade que as ideias saídas da Revolução Francesa de 1789, que começaram a circular na Europa, e a guerra de várias potências europeias contra a França motivam uma nova descida no número de peregrinos no final do século XVIII e na primeira metade do século XIX.

Não devemos, por isso, estranhar a recuperação de antigas tradições e costumes, coincidindo com declaração da autenticidade dos restos mortais do Apóstolo em Compostela (1879), o que faz renascer o culto e a própria peregrinação (Nadais, 2010; Pack, 2010; Pazos, 2020) numa época em que, recorde-se, as catacumbas das igrejas geravam cada vez mais interesse, nomeadamente como destinos de peregrinação (Ghilardi, 2020). Este reconhecimento surge na sequência das escavações promovidas pelo cardeal Páya em 1878 (Villares, 2003; Pazos, 2020). Será também no século XIX que se afirmará a indústria turística moderna, levando a que muitos viajantes visitassem locais sagrados, ainda que muitos o fizessem num contexto não-religioso (Kark, 2020; Dyson, 2020), à semelhança do que acontece na atualidade.

O CPC sofreu, ainda, com a profunda degradação viária de que padeceram os caminhos de ligação entre os pequenos povoados, de raiz romana e medieval (Moreno, 1986; Almeida & Almeida, 2011), com a predominância do designado Caminho Central, onde havia mais população, menos insegurança e mais estruturas para apoiar o peregrino e que, por isso, sufocou todos os outros (Fernandes, 2018); isto sem esquecer as práticas anticlericais da segunda metade do século XIX e primeiro quartel do século XX (Campelo *et al.*, 2017; Vila *et al.*, 2021).

Não deixa de ser curioso que, ao cruzarmos estes dados históricos com textos contemporâneos de narrativas biográficas de *turiperegrinos/as* da segunda década do século XXI, se compreenda, através da lente da literacia histórica e patrimonial, os fatores que justificam a atratividade deste percurso singular. É disto que nos falamos peregrinos hodiernos, como no caso de uma *turiperegrina* brasileira, jornalista e *travel blogger*:

É um caminho que se faz na companhia dos portugueses. Como acontece no Caminho Francês com os espanhóis, os portugueses fazem neste caminho um par de dias no fim de semana ou quando têm tempo livre. São ótimos anfitriões. O caminho costeiro português não está totalmente acabado, pelo que os locais fazem a sua parte, ajudando a pintar setas, levando os peregrinos a **lugares especiais** perto do albergue para ver um **pôr-do-sol maravilhoso**, acompanhando-nos no trajeto por alguns quilómetros e parando à frente de uma igreja para explicar os vários significados dos símbolos que víamos ali. [...] Os primeiros dias do caminho são todos percorridos através de **passadiços de madeira** construídos por cima das dunas, preservando-as. São quilómetros sem fim muito confortáveis para caminhar, em que dividíamos o espaço com os habitantes locais que iam fazer o seu jogging ou caminhada matinal. **Sol, neblina, brisa do mar e lindas vistas** acompanham-nos em todo o percurso. Como o Caminho Português da Costa ainda é novo, não está cheio de bares e cafeterias a cada 5 quilómetros. Até então, eu estava acostumada ao Caminho Francês e a toda a sua estrutura. Aqui, porém, eu comia as minhas sanduíches debaixo de uma árvore, à beira da praia ou em bancos perto de rios. Quando o caminho costeiro se junta ao Caminho Central já muda bastante, mas até chegar a Redondela há poucas estruturas e, para nossa alegria, pouca exploração comercial. [...] No fim de contas, o caminho é uma plataforma real para conhecer pessoas incríveis, como todos os que me acompanharam durante os 12 dias desse meu novo roteiro (Suzana, 2015. Sublinhados nossos).

3. Metodologia

Embora já tenham sido publicados estudos sobre o património e a etnografia dos caminhos portugueses de peregrinação (Cunha *et al.*, 1998; Cunha, 2005; Gomes, 2017) e também sobre os peregrinos, as suas motivações e os significados da sua experiência (Pereiro, 2017), esta investigação, na sua componente empírica, constitui um dos primeiros trabalhos dedicados ao CPC em estudos turísticos, de que só conhecemos uma dissertação especializada (Rodrigues, 2022) e um estudo mais centrado na perspetiva das autarquias locais e da governança turística (Pazos-Justo *et al.*, 2022).

No que diz respeito ao trabalho de campo, a nossa pesquisa é sobretudo apoiada numa abordagem qualitativa, de natureza interpretativa, considerando, tal como propõem Bogdan e Biklen (1994), a importância do processo investigativo e não necessariamente os resultados. Reconhecemos, igualmente, o contributo importante de uma linha de investigação-ação sustentada, sobretudo, na valorização do percurso pessoal de turiperegrinos/as que se dedicam a percorrer vários tramos do Caminho de Santiago, como será possível constatar na vertente de observação direta deste trabalho, onde recorreremos, sobretudo, à narrativa biográfica enquanto método prosopográfico que possibilita, através de experiências individuais temporal e espacialmente estruturadas, reconstituir âmbitos de atuação coletiva (Fantasia & Leite, 2014; Alves, 2020; Cunha & Breton, 2021).

Desenvolvemos entrevistas diretas e inquéritos a peregrinos e turistas, durante o mês de julho de 2022, nos albergues de Labruge (Vila do Conde) e Rates (Póvoa de Varzim), respetivamente, seguindo um guião previamente elaborado pela equipa de investigação, sendo que, no caso das entrevistas, foram utilizadas perguntas abertas relacionadas com os dados biográficos do entrevistado: o modo como tomou conhecimento deste caminho, a principal motivação para o fazer e a experiência em si (impressões acerca do caminho, do povo português, das instalações e património cultural e da gastronomia). No caso dos inquéritos, para além da informação sobre idade e nacionalidade, utilizamos questões fechadas (“É a sua primeira vez?”; “Está a fazer o caminho sozinho ou em grupo?”; “Já experimentou outros caminhos para Santiago?”) e questões abertas (“De que modo tomou conhecimento deste caminho?”; “Qual a sua principal motivação para o fazer?”; “Qual a sua impressão acerca de: Caminho da Costa; pessoas; instalações e património cultural; gastronomia e vinhos?”).

Para diversificar o espectro de informação de base, decidimos alargá-la incorporando os elementos contidos no sítio oficial do CPC, consultado no dia 25 de março de 2023 e no qual os seus administradores procederam, entre 25 de julho de 2017 e 29 de novembro de 2022, a uma recolha de 48 testemunhos de peregrinos, partilhados através do Twitter e do Instagram, utilizando a *hashtag* #caminhoportuguesdacosta. Os testemunhos e narrativas foram tratados cientificamente através da análise de conteúdo (Bardin, 2013) com a definição de categorias e tendências verbais/discursivas associadas ao Caminho de Santiago (Feijó, 2022; Fernandez & Samartim, 2022), compreendendo a relação narrativa entre atividade turística e o desenvolvimento de uma consciência patrimonial (Santos, 2017).

Importa, no entanto, sublinhar que a articulação de diversos instrumentos de análise das ciências sociais e humanas – que consideramos fundamentais na investigação qualitativa em turismo e património, que defendemos, valorizamos e vemos frequentemente

menosprezada – como a observação direta intensiva (entrevistas) e extensiva (inquéritos) com a análise de conteúdo documental (recolha de testemunhos de peregrinos em blogues e nas redes sociais e de notícias publicadas na imprensa regional) acabou por proporcionar uma diversificação dos dados que foi imprescindível neste contexto de trabalho acerca do perfil dos peregrinos do CPC, das suas motivações e dos significados da sua experiência que, além de enriquecerem o quadro analítico, contribuem para a construção embrionária de uma literacia patrimonial associada ao CPC que necessita de ser consolidada em futuros trabalhos.

4. Resultados

Nesta secção, procuramos, como acima foi referido, fazer a análise de conteúdo de toda a informação recolhida por via da observação direta e da observação documental, considerando a importância da análise cruzada de fontes anteriormente desenvolvida neste trabalho e que, salientando a construção de uma literacia histórica e patrimonial do CPC, possa contribuir para enquadrar, mais intencionalmente, as experiências descritas pelos peregrinos em torno da paisagem natural e cultural.

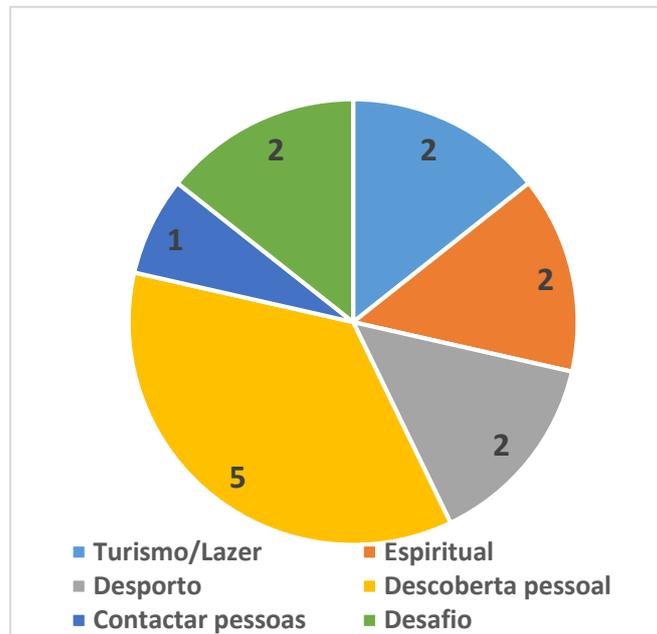
4.1. Albergue S. Tiago de Labruge (Vila do Conde)

Neste albergue foram conseguidas 14 entrevistas nas quais foi aplicado o guião previamente elaborado pela equipa de investigação, apesar de muito enriquecido com o natural decurso da conversação. Variando a idade dos entrevistados entre os 21 e os 68 anos, na amostra participaram peregrinos de nacionalidade alemã (6), espanhola (4), holandesa (1), iraniana (1), romena (1) e japonesa (1). A grande afluência de caminheiros alemães no Caminho de Santiago é confirmada por d'Entremont & Tanco Lerga (2019).

Na amostra, verificou-se uma distribuição simétrica entre os peregrinos que estão a experimentar o Caminho pela primeira vez (7) e os que fizeram outros antes do Caminho da Costa (7). As entrevistas mostram que a maioria dos peregrinos tomou conhecimento da existência do caminho costeiro a partir da internet (7), seguindo-se a tomada de conhecimento a partir de outros que já fizeram esse caminho (4) ou a partir da família / amigos (3). Nada transparece nas opiniões recolhidas acerca de uma eventual perceção de sobrelotação deste Caminho, o que contrasta com quase todos os outros, tal como o demonstra, por exemplo, o estudo de Schnell e Pali (2013).

Quando se trata de entender como é que eles caminham, há uma resposta clara: a maioria está a fazer o caminho sozinho (9). Quando se cruza esta informação com o número relacionado com as motivações pessoais para fazerem o caminho, é interessante constatar que, dos entrevistados, metade revela um interesse pessoal, enquanto a outra metade aponta para uma motivação cultural, como se procura evidenciar no Gráfico 1:

Gráfico 1. Motivações pessoais dos entrevistados em Labruge



Há motivações pessoais distintas a serem consideradas nesta experiência, mas a “descoberta pessoal” é a mais referida nas entrevistas (5), seguida de “desafio” (2), “turismo/lazer” (2), “motivação espiritual” (2) e “desporto” (2). Um único entrevistado refere como principal motivação o “contacto com outras pessoas”. Esta constatação vem ao encontro das conclusões de Oviedo, Courcier e Farias (2014: 440) quando os mesmos sustentam que “a maioria dos peregrinos não está particularmente interessada na religiosidade tradicional” e descobrem “sinais claros da presença de formas ecléticas de espiritualidade”, desfrutando um contexto onde ambos os tipos de peregrinos (religiosos e não religiosos) podem coexistir ou, como deduzem Kim *et al.* (2016: 150), muitos peregrinos vão transmitindo sinais de “transformação para uma experiência mais secular”.

De forma muito semelhante, Nadais (2010: 97) afirma que os caminhos de peregrinação para Santiago “têm presente uma conotação mais espiritual que religiosa”, levando outros autores a falarem de secularização, e até pós-secularização, em torno do Caminho de Santiago, resultado de uma sociedade crescentemente secular e da apropriação do capital simbólico do cristianismo por outros agentes (Pérez, 2020; Nilsson & Tesfahuney, 2020; Székely, 2020; Heiser, 2021,) e pela sua massificação (Blom *et al.*, 2015; Rucquoi, 2019) nas últimas três décadas (Farias *et al.*, 2019). Aliás, o estudo desenvolvido por Vila *et al.* (2021) identifica o fator religioso apenas como quarta motivação mais presente entre os turiperegrinos. O estudioso Pinto Fernandes vai ao ponto de afirmar que “hodiernamente o peregrino que vai a Santiago, com raríssimas exceções, chama-se «turista», não caminha,

não reza, não jejua, não mendiga, não sofre, não usa concha nem bordão e só enxerga o conta-quilómetros” (Fernandes, 2016: 75). Indo ao encontro desta progressiva secularização, Lois-González e Santos (2015) defendem que o Caminho do século XXI não é apenas religioso ou predominantemente católico, refletindo um novo modelo de encontro multicultural. Transcrevemos, de seguida, algumas apreciações colhidas nas entrevistas sobre a experiência em si e as impressões daí decorrentes (Quadro 2):

Quadro 2. Avaliação do CPC pelos peregrinos do Albergue de Labruge

Categorias	Indicadores de entrevista
Sobre o Caminho Costeiro	“Wonderful landscape and surroundings in the wooden way” (homem, holandês, 50 anos) “Interesting the wooden path in the beaches” (mulher, alemã, 22 anos)
Sobre o Povo Português	“Friendly” (homem, alemão, 50 anos) “Helpful” (mulher, alemã, 28 anos) “Welcoming” (mulher, alemã, 21 anos) “Didn’t expect finding so many people speaking english” (mulher, romena, 36 anos) “No conflict. Everyone is friendly” (homem, japonês, 68 anos) “Very social and hospitable people” (homem, espanhol, 56 anos)
Sobre o Património Cultural e Natural	“Nature well preserved” (homem, espanhol, 21 anos) “Beautiful Cathedral in Oporto” (mulher, alemã, 28 anos) “Nature is fine” (homem, alemão, 22 anos)
Sobre Gastronomia e Vinhos	“Loved bolinhos de bacalhau” (mulher, espanhola, 21 anos) “Tasted wild boar and good port wine” (homem, holandês, 50 anos) “Fish stripes and salad, but didn’t like” (mulher, iraniana, 32 anos) “Hard to find some authentic food” (homem, alemão, 36 anos) “Enjoyed francesinhas, bacalhau and different cheeses” (homem, espanhol, 56 anos).

4.2. Albergue de Rates (Póvoa de Varzim)

Convém lembrar que, na sua primeira versão, “o Caminho da Costa seguia a par do Caminho Central Português e divergia apenas à passagem por São Pedro de Rates” (Fernandes, 2018: 91), porque era para aí que se dirigia a estrada medieval mais importante que saía do Porto, conhecida por *Via Veteris*, e que seguia por Cedofeita, Carvalhido, Vilarinho, Arcos e Rates. Além disso, a sua proximidade com a Póvoa de Varzim leva alguns caminhantes a explorarem esta região do *hinterland*. Refira-se que, neste caso, não utilizamos entrevistas diretas, mas sim um questionário formal, deixado no albergue ao lado do livro dos peregrinos para que estes pudessem preenchê-lo na melhor oportunidade.

Dos 10 inquéritos preenchidos, constatamos que a idade dos inquiridos variava entre os 20 e os 65 anos, tendo participado peregrinos de nacionalidade brasileira, portuguesa, espanhola, alemã, francesa, italiana e polaca. 40% dos inquiridos ressalta a importância da internet na aquisição de conhecimentos sobre o caminho costeiro, colocando em destaque como ferramenta valiosa a esse nível o blogue www.caminodesantiago.me. De outras fontes de informação, 40% destacam os amigos ou conversas pessoais, 10% cita canais religiosos e 10% não responderam.

Na amostra, 40% dos inquiridos revelou que já tentou outros caminhos para Santiago, havendo apenas um que nunca experimentou outros para além deste. Quando se trata de entender como é que eles caminham, apenas 20% o fazem sozinhos, sendo que os restantes 80% preferem fazê-lo em grupo, o que revela uma discrepância significativa na comparação com os dados coletados no Albergue de Labruge.

No que diz respeito às motivações, apenas 70% dos inquiridos responderam. As respostas são múltiplas: uma parte importante refere-se à motivação religiosa (com destaque para os peregrinos de nacionalidade brasileira), enquanto os europeus destacam como motivações a experiência em si, ou seja, a própria viagem, mas também o desafio que a mesma constitui.

Sobre o caminho costeiro, apenas 30% fizeram uma breve avaliação do mesmo. Um dos inquiridos descreve-o como “chuvoso e ventoso” e um outro classifica-o como “chato”. São, no entanto, referidas como muito positivas quer as condições do caminho quer os habitantes (“amigáveis e agradáveis”), quer ainda o património e a gastronomia.

4.3. Albergue de São Miguel de Marinhãs (Esposende)

No sentido de suprirem a lacuna resultante da impossibilidade de recolha presencial dos testemunhos dos/as peregrinos/as neste albergue, tal como estava previsto no projeto inicial, os investigadores optaram por obter alguma informação através da imprensa regional e da documentação oficial do município de Esposende, os quais, na sua vertente noticiosa e na sua ação autárquica, se vêm interessando pelo fenómeno do caminho costeiro e pelas potencialidades e impactos dos projetos turístico-culturais. Sabemos, por essas vias, que a generalidade dos peregrinos, entre os anos de 2011 e 2021, é europeia e oriunda de países como a Alemanha, Espanha, Polónia, França e Itália.

Revelam-se igualmente de grande interesse promocional todas as ações culturais e sociais que tenham como objetivo o reforço da importância do Caminho da Costa na população. São disso exemplos, neste caso específico, a bênção do peregrino, a caminhada de São Pedro de Rates até à Barca do Lago, o “bota-abaixo” da Barca de Passagem e a caminhada da Barca do Lago até ao Albergue de São Miguel de Marinhãs, tal como noticiado pelo *Correio do Minho* (2017) aquando do 6º aniversário do referido albergue. A passagem do 12º aniversário do mesmo albergue seria assinalada no dia 13 de maio de 2023 com uma caminhada entre Rates e o Albergue de Marinhãs, numa iniciativa enquadrada no *Programa de Ação para a Sustentabilidade, Crescimento e Competitividade do Turismo em Esposende 2018-2022*, nomeadamente no concernente à valorização e promoção do CPC (s.a., 2023).

4.4. Testemunhos recolhidos no sítio oficial do CPC

O sítio oficial do CPC tomou em 2017 a iniciativa de recolher testemunhos dos peregrinos, lançando-lhes o repto de, a partir das suas próprias experiências e perspetivas sobre os costumes, gentes e locais, partilharem a sua visão através do Twitter ou do Instagram utilizando a *hashtag* #caminhoportuguesdacosta, com o objetivo de informar e auxiliar outros potenciais peregrinos. A referida iniciativa, que recolheu testemunhos escritos em português, italiano, inglês e alemão, permitiu a coleta de um total de 48 testemunhos, dos quais 26 são homens e 22 são mulheres, pertencentes às nacionalidades portuguesa (32), brasileira (8), alemã (3), inglesa (2), norte-americana (1), italiana (1), libanesa (1) e essuatíni (1). Cinco destes peregrinos fizeram o percurso de bicicleta, um a cavalo e os restantes 42 a pé. O alinhamento dos testemunhos, sempre enquadrados por uma palavra-chave, não obedece a qualquer compartimentação por categorias temáticas, seguindo apenas um critério cronológico. Nas palavras-chave ligadas aos diferentes testemunhos ganham relevo “paisagem/beleza da paisagem” (17) e “acessibilidade” (15), destacando-se largamente das outras, referentes a “hospitalidade” (3), “espiritualidade” (3), “experiência” (3), “história e património” (3), “gastronomia” (2), “convívio” (1) e “percurso” (1).

Aquilo que sobressai através da análise de conteúdo destes testemunhos é a visão eufórica do Caminho no que diz respeito à hospitalidade dos autóctones, mas sobretudo à beleza da paisagem, expressa num conjunto muito alargado de qualificativos, ora superlativados (“um dos mais bonitos”; “paisagem lindíssima”), ora exprimindo estupefação (“breathtakink”), ora tentando traduzir uma sensação de prazer estético só experienciável num ambiente paradisíaco (“traçado [...] simplesmente divino”; “experiência divina”) que, necessariamente, deixa marcas indeléveis no caminhheiro, conforme se pode observar no Quadro 3:

Quadro 3. Avaliação do CPC pelos peregrinos na página oficial

Categorias	Indicadores do testemunho
Sobre o Caminho Costeiro	<p>“Having done the French way in 2015, I have to say that the Portuguese Coastal Camino is breathtaking and I would do it again” (homem, libanês, 30-11-2017)</p> <p>“This Camino is now fully operational, well-marked and with good infrastructure. [...] The people in Portugal are generous and welcoming” (homem, inglês, 07-03-2018)</p> <p>“Quanto ao caminho, posso dizer que é um dos mais bonitos que fiz até agora. O facto de bordear o mar constantemente faz com que seja memorável. [...] É um caminho lindo, cheio de história, e que merece ser conhecido e divulgado” (homem, português, 30-08-2018)</p>
Sobre o Povo Português	<p>“As pessoas são muito simpáticas e a paisagem junto ao mar é lindíssima” (mulher, portuguesa, 26-07-2017)</p> <p>“O caminho é lindo, com paisagens deslumbrantes. [...] O mesmo com as gentes de cada lugar... sempre a incentivarem o peregrino que passa, a perguntarem se precisa de ajuda para alguma coisa, a oferecerem um mimo” (mulher, portuguesa, 26-07-2017)</p>
Sobre o Património Cultural e Natural	<p>“O seu traçado à beira-mar, tirando proveito dos muitos quilómetros de passadiços da ecovia litoral norte, é simplesmente divino” (homem, português, 15-05-2022);</p>

	“Uma experiência divinal, com paisagens deslumbrantes. [...] Adoro bicicleta mas os caminhos são mágicos pela paisagem, natureza e pessoas, algo que se usufrui melhor a pé” (homem, português, 12-11-2022).
Sobre Gastronomia e Vinhos	Sem referências específicas

Fonte: Elaboração própria com base no sítio oficial.

Para além da ênfase colocada na sua extraordinária beleza paisagística e na hospitalidade dos autóctones, os motivos apresentados para a opção pelo CPC incidem sobre a diferença relativamente a outros caminhos, o espírito de entreaajuda dos peregrinos, o facto de o percurso favorecer a contemplação e a introspeção e ainda sobre a qualidade dos albergues.

Deve salientar-se que a aludida visão eufórica vem ao encontro da conceção hodierna do Caminho como um espaço que, sendo tradicionalmente sacralizado, passou a ser um itinerário onde também conta a vivência da paisagem, da história e da cultura partilhada, perspetivando-se desse modo como uma aprendizagem e uma experiência estética que procuram absorver a identidade cultural e artística locais. Nesta ótica, podemos afirmar que estamos a assistir, tal como já foi referido, à construção de uma forma diferente de peregrinação, a qual, não enfeitando a tradicional, lhe veio acrescentar os desejos e as motivações da sociedade contemporânea.

4.5. Resultados globais

Começaríamos por deixar claro que este estudo exploratório pretende ser apenas o início da investigação em torno do caminho costeiro que, no nosso entender, merece um projeto a ele inteiramente dedicado e que reúna diversas instituições de ensino/investigação da Eurorregião.

Procurando responder à primeira questão de investigação, pelos dados que pudemos recolher, tanto na revisão da literatura como no terreno, importa referir que o perfil do/a *turiperegrino/a* do caminho costeiro está a alterar-se: se, inicialmente, os portugueses eram os maiores utilizadores deste percurso (Fernandes, 2022), atualmente evidencia-se o domínio de estrangeiros provindos, sobretudo, dos continentes europeu, americano e asiático. Uma outra resposta proveniente da experiência recente de um caminheiro agnóstico e transmitida no relato que sobre a mesma publicou, e que consideramos um autêntico ensaio sobre este tipo de vivência, é que os Caminhos para Santiago, desde os mais antigos aos de institucionalização mais recente, são talvez os lugares mais ricos e variados do ponto de vista humano, com gente de todas as origens culturais e socioeconómicas, onde o peregrino interage com “profissões tão variadas com açougueiro, escritor, artista, enfermeira, médico, segurança, agricultor, professor, milionários, remediados e pobretões” (Rangel, 2022: 62).

Relativamente à segunda questão, é possível discernir a incidência em determinadas motivações e interesses antropológicos, o que nos permite compreender melhor a experiência de viagem dos/as *turiperegrinos/as*. Note-se que, de acordo com a investigação de Pazos-Justo *et al.* (2022: 130), a principal linha que é valorizada pelas autarquias que

compõem o caminho costeiro no desenvolvimento do produto turístico é, justamente, a de “História e Património”.

A maioria dos peregrinos que constituiu a amostra do nosso estudo tomou conhecimento da existência do caminho através da internet, constatando-se uma distribuição equilibrada entre os peregrinos que estavam a experimentar o Caminho da Costa pela primeira vez e os que fizeram outros caminhos anteriormente. Quanto às motivações, elas variam entre o interesse pela descoberta pessoal, o desafio, o turismo/lazer, a motivação espiritual e o contacto com outras pessoas. E no que à experiência caminheira diz respeito, merece ser realçada a marcada diferença entre os peregrinos de nacionalidade brasileira que destacam a motivação religiosa e os *turiperegrinos* europeus que privilegiam a experiência da própria viagem e o desafio que a mesma constitui.

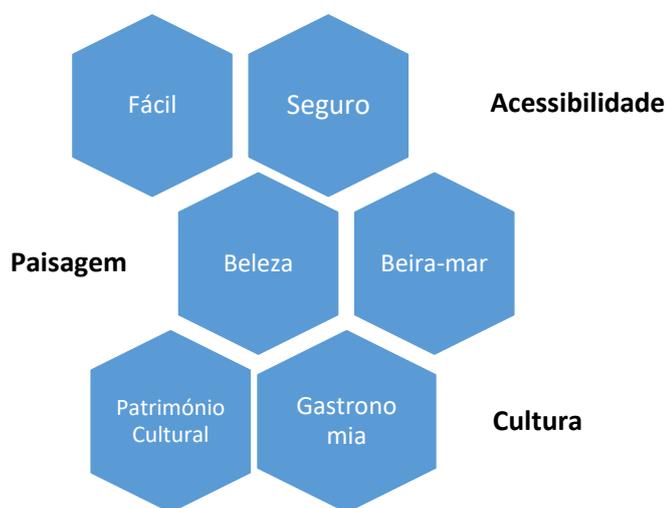
Quanto à gastronomia, nota-se que há uma crescente valorização desta componente na experiência *turiperegrina* do caminho costeiro. Esta observação mostra que há uma evolução relativamente ao que Fernandes *et al.* (2012) constataram quando sublinhavam que os padrões de consumo apresentavam um impacto económico mínimo.

Relativamente à terceira questão de investigação, que se relaciona com as possíveis estratégias de valorização de um percurso favorecido pela sua extraordinária beleza paisagística e pela generalizada hospitalidade dos autóctones, convém desde logo realçar a distância que vai entre a euforia do discurso propagandístico presente nos folhetos turísticos (de que é um bom exemplo o desdobrável «Caminhos de Santiago – Caminho Português da Costa. Guia do Caminho», produzido em 2020 pelos dez municípios costeiros) e a realidade decorrente da idiosincrasia do povo português e, por arrastamento, dos seus governantes, lentos a reagir com prontidão aos novos fenómenos, demorados a pôr em prática a legislação já aprovada e sempre aparentemente satisfeitos com a proverbial capacidade de improviso. Refira-se, como exemplo, o facto de que, apesar de o Decreto-Lei nº 51/2019, de 17 de abril, determinar a obrigação de os municípios definirem nos instrumentos de gestão territorial o traçado físico do caminho, na sua maioria os mesmos ainda não procederam à sua elaboração.

A despeito destas falhas, procrastinações e incumprimentos da responsabilidade da esfera governamental, uma das medidas a ter em conta passa, como já foi referido, por continuar a avançar com projetos de pesquisa como o nosso, cujo objetivo central terá de ser o de dar continuidade à caracterização dos peregrinos que percorrem o CPC. E uma vez que a análise de conteúdo das entrevistas mostra que a maioria dos inquiridos tomou conhecimento da existência do caminho costeiro através da internet, lógico se torna concluir acerca da necessidade de uma utilização mais agressiva de estratégias de marketing digital por parte dos municípios, de modo a colocarem no topo das opções o CPC, partindo não apenas dos testemunhos dos *turiperegrinos* que fizeram o caminho, partilhados ou não em tempo real nas redes sociais (Benítez-Baleato & Sotelo Docío, 2022) ou nos blogues, mas também da contratação de especialistas em otimização de motores de busca para assegurarem que o CPC possa aparecer no topo das pesquisas sempre que um *turiperegrino* procure “Caminhos de Santiago”, colocando naturalmente em destaque os seus motivos de

atratividade, onde se salientam os tópicos da fruição estética da paisagem, cruzando os Patrimónios Natural e Cultural (ver Figura 3):

Figura 3. Motivos de atratividade do CPC



Uma outra medida poderia passar por aproveitar as críticas presentes nos testemunhos dos peregrinos, o que neste caso, pela lógica da sua análise, não se revela operacional, atendendo a que a avaliação positiva é esmagadora. Utilizando, no entanto, a imagem muito favorável que os sujeitos da amostra revelam sobre o povo português (“acolhedor”, “amável”, “sociável”, “prestável”, “hospitaleiro”), há iniciativas que podem ser concretizadas no sentido de tirar partido da empatia já estabelecida entre peregrinos estrangeiros e povo anfitrião. Poderíamos citar, como exemplo, a promoção de eventos culturais e sociais para reforçar o envolvimento da população local, como aqueles a que fizemos alusão no caso do Albergue de Marinhas (organização de caminhadas entre duas etapas do trajeto em que os autóctones convidados serviriam como guias culturais).

5. Considerações finais

O nosso trabalho de campo, através do contacto direto com *turiperegrinos/as*, ao qual se juntou a análise dos testemunhos recolhidos no sítio oficial do CPC, possibilitou um contributo para compreender alguns aspetos particulares da experiência dos caminheiros, abrindo caminho para investigações futuras.

No seu cômputo geral, esta pesquisa leva-nos a extrair várias conclusões. Por um lado, o caminho costeiro está a crescer, como já haviam sublinhado Pazos-Justo *et al.* (2022) e, para além de muito popular, está a tornar-se uma tendência de experiência cultural. Por outro lado, os testemunhos recolhidos levam-nos a acreditar que os motivos de atratividade do CPC, sintetizados na Figura 3 e consistindo na acessibilidade e segurança do caminho, na beleza da paisagem bem traduzida na expressão “contínuo chamamento do mar” e na riqueza do património cultural e gastronómico, estão identificados e são reconhecidos, bastando preservá-los para que acessibilidade, paisagem e cultura continuem a constituir palavras-chave no que diz respeito aos motivos que justificam a opção por esta via costeira rumo a Santiago.

Uma outra conclusão a extrair dos depoimentos e do material coletado é que, no presente estágio, a relação entre autóctones (*hosts*) e alóctones (*guests*), à semelhança das descobertas de Margry (2015) para o Caminho de Finisterra, ainda é normal e saudável, não sendo, todavia, de esperar que a atividade desenvolvida por esta rota funcione como uma panaceia para o desenvolvimento/dinamismo económico destas regiões (Mínguez & Beck, 2023).

A oportunidade de conversarmos diretamente com os *turiperegrinos* foi, sem dúvida, uma estimulante experiência e uma prestimosa fonte de informação que só terá pecado por escassa, com algumas implicações sobretudo na identificação mais confiável de padrões relativos à sua origem cultural e geográfica. A nossa recomendação para futuros estudos sobre este tema aponta para a necessidade de se adotar esta metodologia, alargando o estudo a outros albergues durante um período temporal mais amplo e com uma equipa mais alargada, eventualmente através de um projeto de investigação financiado. Vem esta recomendação na linha das conclusões presentes no estudo de Pazos-Justo *et al.* (2023: 174) quando estes investigadores afirmam que é urgente avançar com projetos de pesquisa cujo objetivo central passará obrigatoriamente pela caracterização das pessoas peregrinas que percorrem o CPC no que toca às suas origens, motivações, perceções e práticas.

Acreditamos que este trabalho permitirá avançar em direção a um melhor conhecimento dessas motivações dos/as *turiperegrinos/as* do litoral, fornecendo, com as referidas limitações, um contributo para o debate científico, tão vital na área do turismo. Fica, no entanto, demonstrada a importância de alargar ao máximo o conhecimento sobre quem estamos a receber para podermos melhorar o produto turístico em causa.

Importa, por fim, concluir que a análise das características do Caminho que foi objeto da nossa investigação vem confirmar todas as potencialidades do turismo experiencial, esse novo campo de estudos turísticos que vai unindo as pessoas em torno de um fenómeno capaz de influenciar os destinos, abraçando uma visão criativa do turismo.

Referências

- Adrião, V. M. (2011). *Santiago de Compostela: mistérios da rota portuguesa*. Dinapress.
- Alves, C. (2020). O uso de narrativas biográficas em investigação: Quais valores, posturas e métodos adotar? *Revista Portuguesa de Educação*, 33 (2), 279-294. <https://doi.org/10.21814/rpe.19741>

- Alves, S. P. (2012). *A Antevisão do Peregrino na Iconografia de São Tiago no Caminho Português de Santiago entre Viseu e Chaves: Subsídios para a criação de uma rota turística*. Volume I. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Católica.
- Almeida, C. & Almeida, P. (2011). *Caminhos portugueses de peregrinação: O caminho litoral para Santiago*. Edições Ismai/Cedtur/Cetrad.
- Amaro, S., Antunes, A., & Henriques, C. (2018). A closer look at Santiago de Compostela's pilgrims through the lens of motivations. *Tourism Management*, 64, 271-280. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2017.09.007>
- Antunes, A. (2016). *Caminhar na era tecnológica em direção a Santiago de Compostela: Estudo do uso de uma app por parte dos peregrinos*. [Dissertação de Mestrado]. Instituto Superior Politécnico de Viseu.
- Barca, I. (2006). Literacia e consciência histórica. *Educar*, Número especial, 93-112. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.401>
- Bardin, L. (2013). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barusch, K. (2021). *Introduction: Pilgrimage as Art, Art as Pilgrimage. Imaging Pilgrimage: Art as embodied experience*. Bloomsburry Visual Arts.
- Benítez-Baleato, J. & Sotelo Docío, S. (2022) Análise de redes sociais como apoio na formulação e avaliação de políticas públicas de turismo: O caso do Caminho de Santiago. *ROTUR - Revista de Ocio y Turismo*, 16(2), 56-77. <https://doi.org/10.17979/rotur.2022.16.2.9084>
- Bloom, T., Nilsson, M., & Santos, X. (2016). The way to Santiago beyond Santiago. *Fisterra and the pilgrimage's post-secular meaning. European Journal of Tourism Research*, 12, 133-144. <https://doi.org/10.54055/ejtr.v12i.217>
- Bloom, T., Nilsson, M. & Santos Solla, X. (2008). Pilgrimage or sacred Tourism? A Modern Phenomenon with Historical Roots, with examples from Fatima and Santiago de Compostela. *Revista Turismo e Desenvolvimento* (9), 63-78. <https://doi.org/10.34624/rtd.voig.13693>
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Campelo, Á., Rego, A., Carlos, A., Deolinda, C., Magalhães, I. & Marques, J. (2017). *Caminho Português da Costa: Estudos*. Câmara Municipal do Porto.
- Confalonieri, J. & Meléndez, J. M. (1988). *El Camino Portugués*. Vigo: Asociación Amigos de los Pazos.
- Cunha, A. (2005). O Caminho português: Património e etnografia. In X. Pardellas (Dir.), *Turismo religioso: o Camiño de Santiago* (pp. 49-84). Universidade de Vigo.
- Cunha, A., Terrón, A., Portugal, J. & Alves, L. (1998). *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago: Itinerários portugueses*. Xunta de Galicia.
- Cunha, M. & Breton, H. (2021). Narrativas Biográficas, Temporalidades e Hermenêutica do Sujeito. *Educar em Revista*, 37, e79134, 1-10. <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/79134/43498>
- d'Entremont, A., & Tanco Lerga, J. (2019). From private devotion to universal phenomenon: The Way of Saint James in Spain, the case of Navarra. *International Journal of Religious Tourism and Pilgrimage*, 7(5), 3. <https://doi.org/10.21427/38th-3e38>
- Duarte, A. (2016). *Caminhos de Santiago: o Caminho Português como fator de desenvolvimento turístico no concelho de Barcelos*. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Dyson, S. L. (2020). The Grand Tour and after: Secular pilgrimage to Rome from the eighteenth to the twentieth centuries. In A. N. Pazos (Ed.), *Nineteenth-Century European Pilgrimages: A New Golden Age* (pp.82-100). Routledge.
- Fantasia, A. & Leite, P. (2014). As narrativas biográficas e as metodologias de investigação-ação sobre a memória e o esquecimento. In *Atas da 5th European Conference on African Studies* (pp.1146-1166). Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-UL).
- Farias, M., Coleman III, T. J., Bartlett, J. E., Oviedo, L., Soares, P., Santos, T., & Bas, M. D. (2019). Atheists on the Santiago Way: Examining motivations to go on pilgrimage. *Sociology of Religion*, 80(1), 28-44. <https://doi.org/10.1093/socrel/sry019>
- Feijó, E.J.T. (2022). Narrativas, efeitos e homologias nas práticas culturais: o “Diário de um Mago” e efeitos além do campo literário. In E. J.T. Feijó, F. Prado & A. I. Sanrónan. (Eds.) *Contar o*

- Caminho de Santiago: literatura, discurso(s) e efeitos sociais na comunidade local* (pp. 51-84). Edições Colibri.
- Fernandes, A. P. (2016). *Peregrinando a Santiago na Filatelia*. Câmara Municipal de Vila do Conde.
- Fernandes, C. (2012). Creating new forms of consumption along the Portuguese Camino de Santiago. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 17-18 (4), 181-183.
- Fernandes, C., Pimenta, E., Gonçalves, F. & Rachão, S. (2012). A new research approach for religious tourism: the case study of the Portuguese route to Santiago. *International Journal of Tourism Policy*, 4 (2).
- Fernandes, P. A. (2018). *Guia dos Caminhos de Santiago*. Porto Editora.
- Fernandez Rodriguez, M. & Samartim, R. (2022). Impacto dos discursos literários nas práticas e consumos culturais ligados aos Caminhos de Santiago: de Paulo Coelho aos souvenirs de cavaleiros templários. In E. Feijó et al. (2022). *Contar o Caminho de Santiago: literatura, discurso(s) e efeitos sociais na comunidade local* (pp. 85-104). Edições Colibri.
- Franklin, A. (2018). Art tourism: A new field for tourist studies. *Tourist Studies*, 18 (4), 399-416. <https://doi.org/10.1177/1468797618815025>
- Ghilardi, M. (2020). The Roman catacombs in the nineteenth century: 'Cradle and Archive of the Catholic Church'. In A. N. Pazos (Ed.), *Nineteenth-Century European Pilgrimages: A New Golden Age* (pp. 46–61). Routledge.
- Gomes, L. (2017). *Os caminhos portugueses a Santiago de Compostela: O património em processo*. [Dissertação de Doutoramento em Antropologia]. Universidade de Coimbra.
- Gonçalves, F. (2012). *Plano de interpretação dos Caminhos de Santiago no Centro Histórico de Barcelos*. [Dissertação de Mestrado em Turismo, Inovação e Desenvolvimento]. Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Griffin, K. & Raj, R. (2015). The Globalization of Pilgrimage Tourism? Some Thoughts from Ireland. In R. Raj & K. Griffin (Eds.), *Religious tourism and pilgrimage management: An international perspective* (pp.57-78). CABI.
- Heiser, P. (2021). Pilgrimage and religion: Pilgrim religiosity on the ways of St. James. *Religions*, 12(3), 167. <https://doi.org/10.3390/rel12030167>
- Kark, R. (2020). Geopietism and pilgrimage/tourism to the Holy Land/Palestine (1850–1918) and the case of Thomas Cook. In A. N. Pazos (Ed.), *Nineteenth-Century European Pilgrimages: A New Golden Age* (pp. 65–81). <https://doi.org/10.4324/9780429198892-5>
- Kim, B., Kim, S. & King, B. (2016). The sacred and the profane: Identifying pilgrim traveler value orientations using means-end theory. *Tourism Management*, 56, 142-155. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2016.04.003>
- Lester, B. (2015). La (re)imaginación de una ruta milenaria: El Camino de Santiago en el modelaje de una espiritualidad moderna. [Dissertação de Mestrado]. Colby College.
- Lima, C. (2011). *Turismo Cultural: À descoberta do Castro de Stº Estevão da Facha – Um percurso Pedestre no Caminho Português de Santiago*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade do Minho.
- Lois-González, R. & Santos, X. (2015). Tourists and pilgrims on their way to Santiago: Motives, caminos and final destinations. *Journal of Tourism and Cultural Change*, 13 (2), 149-164. <https://doi.org/10.1080/14766825.2014.918985>
- Lopes, L. (2020). *Análise e identificação dos discursos, práticas patrimoniais e stakeholders no Caminho Português da Costa para Santiago de Compostela*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade do Minho.
- Loza, R.R. (2015). Estudo de viabilidade da candidatura a Unesco do Caminho Português de Santiago. Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular.
- Margry, P. J. (2015). To Be or not to Be... a Pilgrim. Spiritual Pluralism Along the Camino Finisterre and the Urge for the End. *GeoJournal Library*, 117, 175–211. https://doi.org/10.1007/978-3-319-20212-9_8
- Marques, G. (2020). Heritage Literacy: Contributions into a conceptual framework. *Diálogos com a Arte: revista de Arte, Cultura e Educação*, 10, 150-161.
- Marques, J. (2006). Os santos dos caminhos portugueses. *História: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, (7), 243-262.

- Marques, J. A. M. (2003). Os Caminhos de Santiago ou a segunda Europa. D. Jaime – *Cadernos de Cultura*, 3, 135-151. Câmara Municipal de Tondela.
- Marques, J. A. M. (2023). Caminho da Costa. *National Geographic – Edição Especial Viagens (O Caminho Português de Santiago)*, pp. 37-53.
- Mendes, A. C. (2009). *Peregrinos a Santiago de Compostela: uma etnografia do Caminho Português* [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social e Cultural]. Universidade de Lisboa.
- Mínguez, L., & Beck, J.M. (2023). Is heritage tourism a panacea for rural decline? A comparative study of the Camino de Santiago and the Canal de Castilla in Spain. *Journal of Heritage Tourism*, 1-19. <https://doi.org/10.1080/1743873X.2022.2159417>
- Monteiro, R.F.L.M.C.P. (2018). *Estudo dos padrões de consumo alimentar dos peregrinos no Caminho de Santiago, entre Porto e Caminha*. [Dissertação de Mestrado em Direção Hoteleira - Hotelaria de Saúde e Bem-estar]. Instituto Politécnico do Porto. Escola Superior de Hotelaria e Turismo..
- Moreno, H. B. (1986). Vias portuguesas de peregrinação a Santiago de Compostela na Idade Média. *História: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, II série, Vol. III, 77-89.
- Nadais, C.D.F. (2010). O turismo e os territórios da Espiritualidade. Os caminhos de Santiago em Portugal. [Dissertação de Mestrado em Lazer, Património e Desenvolvimento]. Universidade de Coimbra.
- Nilsson, M., & Tesfahuney, M. (2016). Performing the “post-secular” in Santiago de Compostela. *Annals of Tourism Research*, 57, 18-30. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2015.11.001>
- Oviedo, L., Courcier, S. & Farias, M. (2014). Rise of Pilgrims on the Camino to Santiago: Sign of Change or Religious Revival? *Review of Religious Research*, 56 (3), 433-442.
- Pack, S. D. (2010). Revival of the Pilgrimage to Santiago de Compostela: The Politics of Religious, National, and European Patrimony, 1879–1988. *The Journal of Modern History*, 82(2), 335–367. <https://doi.org/10.1086/651613>
- Pazos, A. M. (2020). Compostela, Rome and the revival of the pilgrimages to Santiago. In A. M. Pazos (Ed.), *Nineteenth-Century European Pilgrimages: A New Golden Age* (pp. 101–118). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780429198892-7>
- Pazos-Justo, C., Iriarte, Á., Moreira, M. J. & Lopes, I. (2022). O desenvolvimento do Caminho Português da Costa na perspetiva dos municípios e das associações. Da cultura ao turismo. In C. Pazos-Justo, B. Busto & S. Sotelo (Eds.). *Comunidades Locais e Caminho de Santiago. Alianças e Ameaças* (pp. 119-141). Humus.
- Pazos-Justo, C., Iriarte, Á., Moreira, M. J. & Lopes, I. (2023). Do litoral ao turístico-económico. Perceções e ideias sobre o Caminho Português da Costa das câmaras municipais e associações. In R. Samartim & I. Caamaño Franco (Eds.), *Cidades, Turismo e Caminhos de Santiago /Ciudades, Turismo y Caminos de Santiago* (pp. 155-179). Andavira.
- Pazos-Justo, C.; Del Río, M. & Samartim, R. (2018). Reinventio e unanimidade. Impacto das políticas culturais e turísticas na Comunidade local de Santiago de Compostela. *SÉMATA, Ciencias Sociales e Humanidades*, 30, 233-256.
- Pereiro, X. (2019). Turismo y peregrinación, dos caras de la misma moneda: el camino português interior de Santiago de Compostela. *Cuadernos de Turismo*, 43, 407-434.
- Pereiro, X. (2017). Turiperegrinos portugueses no caminho português interior de Santiago de Compostela. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 1(27/28), 413-423. <https://doi.org/10.34624/rt.d.vii27/28.8515>
- Pérez, R. M. (2020). Secular Re-Symbolisation of the Santiago Pilgrimage in Spanish Cinema: The Case of the Way and Road To Santiago. *Atalante: Revista de Estudios Cinematográficos*, 30, 17–32.
- Pinto, H. (2012). *Educação histórica e patrimonial: Conceções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente*. [Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação]. Instituto de Educação da Universidade do Minho.
- Polido, J. (2021). *Caminhos de Santiago: Valorização do território e websig de apoio aos peregrinos*. [Dissertação de Mestrado em Sistemas de Informação Geográfica e Ordenamento do Território]. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- Raj, R., Griffin, K. & Blackwell, R. (2015). Motivations for Religious Tourism, Pilgrimage, Festivals and Events. In R. Raj & K. Griffin (Eds.), *Religious tourism and pilgrimage management: An international perspective* (pp.103-117). CABI.
- Rakic, T. & Lester, J. A. (2016). *Travel, Tourism and Art*. Routledge.
- Rangel, R. (2022). *O destino é o Caminho*. EGO Editora.
- Rodrigues, G. (2022). *Estudo da dinâmica da procura do Caminho Português da Costa em contexto de pandemia*. [Dissertação de Mestrado]. Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Rucquoi, A. (2019). The Way of Saint James: A sacred space? *International Journal of Religious Tourism and Pilgrimage*, 7(5), Article 6. <https://doi.org/10.21427/02ax-eb56>
- Santos, J. (2017). *Património e Turismo: o Poder da Narrativa*. Edições Colibri.
- Schnell, T. & Pali, S. (2013). Pilgrimage today: the meaning-making potential of ritual. *Mental Health, Religion & Culture*, 16 (9), 887-902. <http://dx.doi.org/10.1080/13674676.2013.766449>
- Silva, J. F. M. da (2017). *Caminho português de Santiago: perspectivas sobre a gestão e valorização patrimonial: do Porto a Valença do Minho* [Dissertação de Mestrado]. ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa.
- Sousa, B., Casais, B., Malheiro, A., & Simões, C. (2017). A experiência e o marketing turístico em contextos religiosos e de peregrinação: O caso ilustrativo dos Caminhos de Santiago. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 27/28, 789-800. <https://doi.org/10.34624/rt.d.v1i27/28.8831>
- Székely, V. (2022). Phenomenon Camino de Santiago: From Christian pilgrimage route to post secular's product of tourism. *Geograficky Casopis*, 74(3), 223-245. <https://doi.org/10.31577/geogrcas.2022.74.3.11>
- Valek, N. & Mura, P. (2023). Art and tourism: a systematic review of the literature. *Tourism Review*, 78 (1), 273-290. <https://doi.org/10.1108/TR-05-2022-0214>
- Venceslau, M. A. (2014). *Walking towards a Sacred Site: Motivations, Expectations and Satisfaction. The case study of the Portuguese Way of St. James*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade do Porto.
- Viaje de Cosme de Médicis por España y Portugal* ([1668-1669] 1933). Edición y notas por Angel Sánchez Rivero y Angela Mariutti de Sánchez Rivero. Madrid: Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas, Centro de Estudios Históricas.
- Vila, N. A., Brea, J. A. F., & Muñiz, D. R. T. (2021). Consumo turístico durante o Camiño de Santiago. O Camiño Nós como ruta alternativa de peregrinación a Santiago. *Revista Galega de Economía*, 30(3), 1-28. <http://dx.doi.org/10.15304/rge.30.3.7466>
- Villares, R. (2003). *A cidade dos dous apóstolos (1875-1936)*. *História da Cidade de Santiago de Compostela*. Universidade de Santiago de Compostela.

Outros documentos impressos e eletrónicos

- Câmara Municipal de Esposende et al. (2019). *Programa de Ação para a Sustentabilidade, Crescimento e Competitividade do Turismo em Esposende 2018-2022*.
- Câmara Municipal do Porto et al. (2020). *Caminhos de Santiago: Caminho Português da Costa*. Guia do Caminho [Desdobrável com mapa]. Norte 2020.
- Caminhos de Santiago – Caminho Português da Costa: Testemunhos de peregrinos* (2023). [Recolha efetuada entre 25-07-2017 e 29-11-2022].
- Oficina del Peregrino. Estadísticas. <https://oficinadelperegrino.com/estadisticas/>
- S.A. (2017, 24 de maio). Albergue de Marinhas valoriza caminho da costa para Santiago. *Correio do Minho*.
- S.A. (2023, 17 de março). Quatro concelhos unidos para valorizar o Caminho de Santiago. *Jornal de Notícias*.
- S.A. (2023, 23 de abril). Albergue de Marinhas celebra aniversário com caminhada. *Diário do Minho*.
- Suzana (2015). Por que o Caminho Português da Costa é especial?

GONÇALO MAIA MARQUES é Doutor em História pela Faculdade de Letras com a dissertação *Do vinho de Deus ao vinho dos homens: o vinho, os mosteiros e o Entre Douro e Minho*. No âmbito do seu

Doutoramento foi Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. É ainda Pós-Doutor em Ciências da Educação – especialidade de História e Ciências da Educação pela Universidade do Minho. Foi docente na Universidade do Porto, Universidade Portucalense, no Instituto Universitário da Maia e no Instituto Politécnico da Maia. Atualmente, é Professor Adjunto no Instituto Politécnico da Viana do Castelo e membro integrado do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM) da Universidade do Porto. Os seus interesses de investigação incluem a Educação Histórica e Patrimonial, a História e Civilização da Vinha e do Vinho e, ainda, o Enoturismo e a ligação entre o Património Cultural e o Turismo. Endereço institucional: Escola Superior de Educação do IPVC. Avenida Capitão Gaspar de Castro, 4901-908 Viana do Castelo, Portugal.

MANUEL TOJAL DE MENESES é Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de Toulouse – Le Mirail, com a tese *Maria Velho da Costa: Un atelier d'écriture*. Em 1989 foi-lhe concedida a equivalência ao Grau de Doutor na especialidade de Literatura Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É Professor Auxiliar na Universidade da Maia e no Instituto Politécnico da Maia e membro do N2i - Núcleo de Investigação do Instituto Politécnico da Maia. Os seus interesses de investigação incluem a Comunicação Digital, a Literatura de Viagens, o Turismo Literário e a Imprensa Turística. Endereço institucional: Instituto Politécnico da Maia (IPMAIA), Av. Carlos de Oliveira Campos, s/n, 4475-690 Avioso S. Pedro, Castêlo da Maia, Portugal.

JOSÉ MAIA MARQUES é Historiador, Antropólogo e Ensaísta. Técnico Superior da Câmara Municipal da Maia, onde foi seu Diretor do Departamento de Cultura, enquanto ele existiu. Foi docente do ensino superior na Universidade Portucalense, na Faculdade de Letras do Porto e no Instituto Universitário da Maia – ISMAI. É autor de vários livros, capítulos de livros e artigos publicados em revistas da especialidade, nacionais e estrangeiras, muitos com revisão por pares. É Editor da “Revista da Maia-Nova Série”, da Câmara Municipal da Maia. Tem como principais interesses de investigação a História Regional e Local, a História da Alimentação, o Literarismo, os Caminhos para Santiago, o Património Cultural e a Morte nos séculos XIX/XX. É Membro da Confraria do Vinho Verde, da Confraria da Broa de Avintes, da Confraria Queirosiana, da Real Confraria Gastronómica das Cebolas e da Confraria Gastronómica do Concelho de Ovar. Endereço institucional: Rua de Ramalho Ortigão, 35, 4º Andar, 4470-399 Moreira da Maia, Portugal.

VÍTOR SÁ é licenciado em Ciências da Comunicação (2010), Mestre em Turismo, Património e Desenvolvimento (2012) pelo Instituto Superior da Maia e Doutorado em Turismo pela Universidade de Aveiro (2021). Desenvolveu atividades de docência no ISMAI, IPMAIA, IPP e, mais recentemente, na EFTA – Escola Profissional em Turismo de Aveiro, sendo na atualidade Professor Adjunto no ISLA Gaia e membro do GOVCOPP. Endereço institucional: Rua Diogo Macedo, 4400-107 Vila Nova de Gaia, Portugal.

Submetido em 13 maio 2023

Aceite em 12 setembro 2023